

## **Volume II**

### **Quarta Parte**

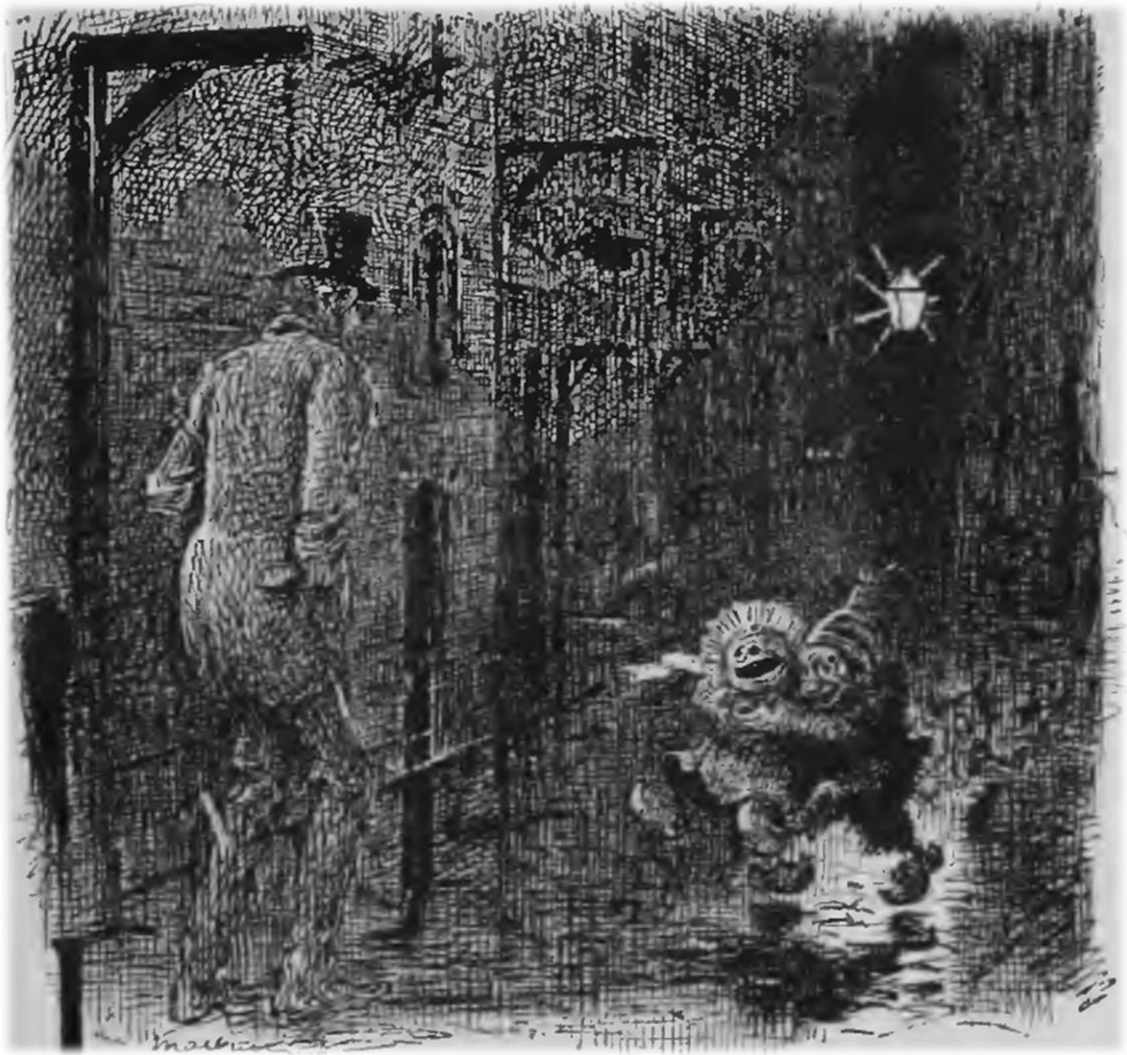
#### **A primeira fase da minha real vida interior começou**

Voltei ao meu hotel na Rua de la Michodière.

Prostrado de emoção e fadiga, com a tarantela ainda tilintando em meus ouvidos e aquele rosto amado me rondando com seu sorriso inefável ainda impresso na retina dos meus olhos fechados, adormeci.

E então eu tive um sonho, e a primeira fase da minha real vida interior começou!

Todos os eventos do dia, distorcidos, exagerados e desordenados entraram em uma espécie de pesadelo e opressão, como acontece usualmente nos sonhos. Eu estava a caminho da minha antiga morada: tudo o que encontrei ou via era grotesco e impossível, mas agora tinha o estranho e vago encanto de associação e reminiscência, como a sensação angustiante de mudança, perda e desolação.



Ao me aproximar do portão da avenida, em vez da escola à minha esquerda, havia uma prisão; e na porta um carcereiro hostil de um metro e meio de altura e bastante desfigurado e uma carcereira pouco menor que ele, mas com aparência também deformada, estavam me observando astuciosamente pelo canto dos olhos e sorrindo sem dentes. Logo eles começaram a dançar juntos, ao som de uma música antiga e familiar, com suas enormes chaves balançando penduradas do lado; e eles pareciam tão engraçados que eu ri e aplaudi. Mas, logo notei que seus rostos tortos não eram realmente engraçados; na verdade, eles eram fatais e terríveis ao extremo, e logo percebi que esses anões mortais estavam tentando dançar entre mim e o portal da avenida para a qual eu estava preso – para me

encurrular e assim me levar para a prisão, onde era costume enforcar pessoas na manhã de segunda-feira.

Em uma agonia de terror, corri para o portão da avenida e lá estava a Duquesa das Torres, com uma leveza nos olhos e um sorriso gentil - uma visão celestial de força e realidade.

"Você não está sonhando de verdade!", ela disse. "Não tenha medo – essas pessoas pequenas não existem! Me dê sua mão e entre aqui".

E ao fazê-lo, ela afastou os trogloditas e eles desapareceram; e senti que isso não era mais um sonho, mas outra coisa – alguma coisa estranha que me acontecera, uma nova vida para qual acordei.

Apenas com o toque da mão dela, minha consciência, minha sensação de ser eu mesmo, que até agora em meu sonho (como em todos os sonhos anteriores até então), havia sido apenas parciais, intermitentes e vagos, subitamente se transformou em completa atividade consistente e prática – exatamente como na vida, quando alguém está bem acordado e muito interessado no que está acontecendo – apenas com percepções muito mais aguçadas e mais alertas.

Eu sabia perfeitamente quem e como eu era, e me lembrei de todos os eventos do dia anterior. Eu estava consciente de que meu corpo de verdade, despido e na cama, agora dormia profundamente em uma pequena sala no quarto andar de um hotel guarnecido na Rua de la Michodière. Eu sabia disso perfeitamente; e, no entanto, aqui também estava meu corpo, igualmente substancial, com todas as minhas roupas; minhas botas empoeiradas, a gola da camisa úmida pelo calor, pois estava quente. Com a mão solta, senti no bolso da calça as minhas chaves da casa de Londres, minha bolsa, meu canivete; meu lenço no bolso do paletó e nos bolsos de

trás das calças, minhas luvas, a caixa de cachimbo e a caixinha de aquarela que eu havia comprado naquela manhã. Eu olhei para o meu relógio; estava funcionando e assinalou onze horas. Belisquei-me, tossi, fiz tudo o que se costuma fazer sob a pressão de uma imensa surpresa, para me garantir que estava acordado; e eu estava e, no entanto, aqui estava de mãos dadas com uma grande dama a quem nunca havia sido apresentada (e que parecia muito contente com a minha confusão); e olhando agora para ela, na minha velha escola.

A prisão havia caído como um castelo de cartas e vejam!, em seu lugar estava a Casa de Educação M. Saindou, exatamente como antigamente. Até reconheci na parede amarela o formato de uma mão de lama seca, feita quinze anos atrás por um garoto chamado Parisot, que acidentalmente caiu na calçada e, assim, deixou sua marca ao se levantar; e permaneceu ali por meses, até ser pintado de cal branco nas férias. E depois de quinze anos estava ali novamente.

As andorinhas estavam voando e cantando. Um ônibus amarelo estava parado nos portões da escola; os cavalos batiam os pés, relinchavam e mordiam um ao outro, como os cavalos franceses sempre faziam naqueles dias. O motorista falou com eles superficialmente.

Uma multidão observava – le Père et la Mère François, Madame Liard, a esposa da mercearia e outras pessoas, de quem me lembrei ao mesmo tempo com prazer. Bem à nossa frente, um menino e uma menina estavam olhando, como os demais, e eu os reconheci pelas costas, a cabeça cortada e as pernas finas de Mimsey Seraskier.

Um realejo tocava uma música bonita que eu conhecia muito bem e havia esquecido.